

A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Francine Baranoski Pereira

(Organizadora)

A Língua Portuguesa em Dia

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contém embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822111	
CAPÍTULO 2	11
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822112	
CAPÍTULO 3	22
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822113	
CAPÍTULO 4	36
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822114	
CAPÍTULO 5	48
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822115	
CAPÍTULO 6	63
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822116	
CAPÍTULO 7	73
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCULLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822117	
CAPÍTULO 8	87
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822118	
CAPÍTULO 9	100
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822119	

CAPÍTULO 10	115
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221110	
CAPÍTULO 11	130
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221111	
CAPÍTULO 12	140
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221112	
CAPÍTULO 13	148
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221113	
CAPÍTULO 14	152
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221114	
CAPÍTULO 15	167
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221115	
CAPÍTULO 16	180
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmeila Franco Bispo dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221116	
CAPÍTULO 17	191
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221117	
CAPÍTULO 18	199
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221118	

CAPÍTULO 19	213
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRUNS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggi Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221119	
CAPÍTULO 20	225
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221120	
CAPÍTULO 21	237
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221121	
CAPÍTULO 22	254
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221122	
CAPÍTULO 23	279
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221123	
CAPÍTULO 24	290
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221124	
CAPÍTULO 25	304
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221125	
CAPÍTULO 26	318
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221126	

CAPÍTULO 27	334
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221127	
CAPÍTULO 28	341
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221128	
CAPÍTULO 29	354
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221129	
CAPÍTULO 30	361
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221130	
CAPÍTULO 31	370
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221131	
CAPÍTULO 32	385
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221132	
SOBRE A ORGANIZADORA	401

MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.

Evandro Figueiredo Candido

RESUMO: Em 1956, José Lins do Rego, escritor paraibano, publica “Meus verdes Anos”, aquela que seria a sua última obra; dentre todas as que escreveu, esta é considerada pelo próprio autor como memorialística. Ao observar as demais obras do autor, sobretudo as primeiras, nos deparamos com construções semelhantes e personagens que se repetem. Nesse sentido, estaríamos diante de uma construção da memória ou uma ficcionalização da mesma? O presente artigo pretende investigar estes aspectos, a partir da comparação entre os personagens e as situações nas obras *Meus verdes Anos*, *Menino de Engenho*, *Fogo Morto* e *Usina*. Procura-se também observar aspectos da memória coletiva e individual, além de trazer à tona o conceito de memória presente na narrativa de José Lins do Rego.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Lins do Rego; Ficção.

ABSTRACT: In 1956, José Lins do Rego, writer from Paraíba (Brazil), published his last work “Meus verdes Anos”; among all works he wrote, this is considered by himself as a work of memory. Observing the earliest works of the writer, we find similar constructions and similar characters. This way, would we be beside a work of memory or a construction of fiction?

This work intends to investigate these aspects, through the comparison between the characters and situations in the works: “Meus verdes Anos”, “Menino de Engenho”, “Fogo Morto” e “Usina”. This article also observes aspects of collective and individual memory, and bring up the concept of memory present in the narrative of José Lins do Rego.

KEYWORDS: Memory; Lins do Rego; Ficción.

1 | INTRODUÇÃO

José Lins do Rego é um autor que lança mão, constantemente, de elementos autobiográficos. Publicada em 1956, *Meus verdes Anos* é uma narrativa que se propõe memorialística, uma verdadeira síntese que o autor tenta fazer de sua vida. Ele próprio a reconhece como um texto no qual ele buscou trazer o mundo de sua infância na fazenda do avô.

O autor é mais conhecido por suas cinco primeiras narrativas: *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *O Moleque Ricardo* e *Usina*, que se concentram naquele mesmo ambiente rural ao qual se refere sua última obra. O que se pode encontrar nesses textos é um mundo em decadência, os engenhos sendo substituídos por usinas, a tecnologia chegando, as relações

sociais em transformação. É o contexto da primeira metade do século 20.

Lins do Rego, no entanto, não é um autor restrito ao ambiente rural dos engenhos. Suas narrativas possuem uma maior amplitude temática, que abarca o misticismo e a religião (a exemplo de *Pedra Bonita*), o cangaço (como em *Cangaceiros*), bem como o futebol (temática de *Água-Mãe*), chegando mesmo a temáticas mais urbanas (tal como ocorre em *Eurídice*).

O presente artigo promove um recorte dos textos que tratam do âmbito rural; são as narrativas de fundamento memorialístico do autor, a saber: *Meus verdes Anos*, *Usina*, *Fogo Morto* e *Menino de Engenho*; ao escrever tais narrativas (tidas como de ficção), estaria o autor José Lins do Rego imerso também em memórias pessoais, tal como ocorre na escrita de *Meus verdes Anos*? Haveria muito do autor nesses narradores? Haveria limites entre a ficção e a memória, ou estamos diante de uma ficcionalização da memória? A complexidade de tais questões exige, sem dúvida, um cuidado maior ao observar a narrativa de José Lins do Rego.

O presente artigo pretende promover uma leitura no sentido de pensar a questão da ficção e da memória, quando comparamos as obras supracitadas. Ao tratar de fatos biográficos – como os presentes em *Meus Verdes Anos* –, notamos que, nas demais narrativas, o entorno desses fatos, e mesmo o entorno dos personagens, passa por mudanças; é o que podemos chamar de uma auto-ficção, na medida em que o escritor, munido de suas lembranças, promove uma recriação das pessoas e fatos envolvidos, transformando-os, ou mesmo alterando seus nomes. Para levar adiante esta análise, lanço mão de elementos teóricos para fundamentar minha reflexão.

Adiante pretendo tratar dos textos em questão, analisando as transformações no entorno dos personagens na comparação das obras, buscando uma reflexão a respeito da questão da memória e da ficção. Ao final, procedo uma análise da ideia de memória presente nas obras do autor.

2 | MEMÓRIA E FICÇÃO NAS OBRAS DE JOSÉ LINS DO REGO

Um aspecto bastante relevante na análise de Maurice Halbwachs (2006) é a dimensão coletiva da memória. Para ele, por mais que desejemos a solidão, jamais estamos sozinhos; nossa vida social nos conduz a uma existência marcada pela constante presença do outro. Em *A Memória Coletiva*, Halbwachs (2006) nos fornece subsídios para pensarmos na dimensão social da memória; nesse sentido, ainda que não nos demos conta, recorreremos sempre a testemunhos de terceiros. A solidão de um homem que entra em uma casa é apenas aparente, pois nele está contida toda uma construção social que determina suas percepções e opiniões.

Esse débito à memória alheia ocorre no início de *Meus Verdes Anos*. O narrador

de primeira pessoa se lembra da mãe deitada e da frase “ela está morrendo” seguida de um silêncio da lembrança. Mas antes dessa descrição, o narrador destaca que “tanto me contaram a história que ela se transformou na minha primeira recordação de infância” (REGO, 1976b, p. 1165). Claro está a influência efetiva das recordações alheias, que entram em sintonia com as do sujeito; conforme observa Halbwachs: “outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, me volto para elas” (HALBWACHS, 2006, p. 31). Sem tal suporte, o sujeito não seria capaz de se elevar; em outras palavras, o indivíduo sozinho não constitui uma memória. No caso em questão, o testemunho dos outros é a fonte da memória, posto que o narrador era muito pequeno para retê-la naquele momento.

O entorno dessa mesma memória da mãe é modificado em *Menino de Engenho*. Nessa obra, tratada como ficção, o narrador tem já quatro anos e conta lembrar com clareza o dia em que a mãe morreu: “Dormia no meu quarto quando pela manhã acordei com um enorme barulho na casa toda (...) vi minha mãe estendida no chão e meu pai caído em cima dela como um louco” (REGO, 1980a, p. 3). Aqui a vivacidade da lembrança é profundamente destacada; o narrador tem tanto lembranças visuais quanto auditivas, todas muito aguçadas. Ponto comum entre as duas narrativas é a criança diante da morte; podemos afirmar, então, que se trata de uma memória. No entanto, o contexto da morte é transformado: trata-se de assassinato, a mãe banhada em sangue; o caráter trágico revela uma ficcionalização. Temos, portanto, o contexto da morte da mãe diante dos olhos do menino, mas com o entorno alterado. Toda a descrição é feita com cores muito evidentes, o que nos remete, mais uma vez, à ficção.

Além da presença do aspecto coletivo, temos também a dimensão individual, a atividade de Lins do Rego enquanto escritor. De acordo com Vasconcelos (2014), o ato de revisitar as memórias antigas e sua associação com a identidade foi largamente explorado na literatura brasileira, sobretudo no conto. O mesmo processo pode ser observado em *Meus verdes Anos*, no qual o autor se volta para os tempos da infância para melhor entender a si mesmo no presente. Tal atitude – no plano individual – lembra um pouco o papel do historiador, que consiste em se voltar para o passado como forma de melhor entender o presente; cabe observar apenas que o historiador trabalha no plano coletivo, ao passo que o escritor, pelo menos a princípio, pensa em uma trajetória individual.

Tal ponto de vista vai ao encontro do de Coenga, segundo a qual:

a compreensão do presente pelo desvendamento do passado permite uma compreensão maior da vida, pois descrever fatos corriqueiros pode ser uma forma de reviver um momento esquecido no tempo, tornando-o atemporal” (COENGA, 2011, p. 133).

É importante observar que não se trata de uma ficção gerada pela memória

que, segundo Halbwachs (2006), ocorre por conta das imagens impostas pelo meio, bem como pela maneira como as absorvemos. Refiro-me, aqui, a uma construção do escritor, um exercício de imaginação. A mudança do entorno dessa memória não se dá por conta da percepção nebulosa do indivíduo escritor permeada pelas recordações alheias; é, antes de tudo, um processo ficcional voluntário, uma mistura de memória individual e invenção. Conforme observa Massaud Moisés (2002, *apud* VASCONSELOS, 2014), uma das direções da literatura de memória é quando o escritor, ainda que não perceba, transfigura suas experiências biográficas em obras de ficção. O garoto Carlos de Melo de *Menino de Engenho* é, dadas as suas variantes, o Dedé de *Meus verdes Anos*.

Tratado como um personagem, o rio Paraíba, por sua vez, aparece nos romances de José Lins do Rego, revelando uma dimensão coletiva; a referência temporal – conforme destacado em *Meus verdes Anos* – se dá pelas cheias (tal fato se deu na cheia de 93, aquilo ocorreu na de 68). O avô de *Menino de Engenho* conta a história da enchente de 1875, na qual o rio sobe até a calçada da casa grande, causando grandes prejuízos, deixando a várzea debaixo d'água. Tais referências vão além da memória do narrador, de forma que esse absorve percepções de terceiros sobre um mesmo fenômeno. No caso de Dedé, em *Meus Verdes Anos*, o Paraíba representa uma forma de contato com o mundo; por ali passavam cargueiros e manobreiros, ali era possível ouvir as conversas de estranhos. O rio fazia medo em épocas de enchentes e era bom em épocas de seca, como que para compensar o seu caráter anteriormente devastador.

Quando o rio chegava, corríamos para vê-lo de perto. A cabeça da primeira cheia era como se fosse um serviço de limpeza geral do leito. Descia com ela uma imundície de restos e matérias em putrefação. Bois mortos, cavalos meio roídos pelos urubus” (REGO, 1976b, p. 1193).

O mesmo rio é figurado de maneira distinta em *Menino de Engenho*. Nessa obra, temos a descrição do povo gritando por todos os lados, o barulho das águas enchendo os ouvidos; “lá vem um boi morto! Olha uma cangalha” (REGO, 1980, p. 20); mas não se trata da cheia terrível e ameaçadora, mas sim de uma cheia que reaviva o verde e as árvores, traz alegria, recompõe o engenho e revigora as plantações. As consequências das cheias, no entanto, são tratadas de forma distinta: de uma cheia que reaviva o verde e as árvores, traz alegria, recompõe o engenho e revigora as plantações de *Meus Verdes Anos*, temos uma enchente que produz refugiados e famintos, estraga os canaviais, gera uma lama onipresente, um cheiro aborrecido e grande pavor de *Menino de Engenho*. Ambas as narrativas apontam para as diferentes possibilidades da natureza; o mesmo fenômeno que traz alívio tem o poder de gerar desespero.

Curioso observar como o entorno do Paraíba se transforma nas diferentes narrativas. Enquanto que, nas obras supracitadas, temos a influência – para o bem

ou para o mal – do rio sobre os seres humanos, em *Usina* encontramos a perspectiva oposta: a influência – sempre destrutiva – das pessoas tanto sobre o rio, como sobre outras pessoas. A criação da usina – modernização do engenho – agride o rio:

A Bom Jesus agora despejava as suas imundícies pelo leito do rio, sujando tudo, chamando urubu. E quanto mais a usina crescia, quanto mais crescesse, teria imundície para despejar. Isso fazia do Paraíba um “acampamento de urubus” (REGO, 1980b, p. 133-134).

As máquinas dependiam das águas; aos poucos, não somente os rios, mas também as terras eram absorvidas, dadas as demandas cada vez maiores da usina por terras para a plantação de cana; “assim, o povo voltou para as suas casas com a condenação. Teriam que sair. O dono mandava sair. O dono sacudia todos para fora” (REGO, 1980b, p. 135). Muito mais do que eventos puramente naturais, conforme aparece em *Meus Verdes Anos* e *Menino de Engenho*, em *Usina* o contexto ao redor do Paraíba nos traz aspectos sociais relacionados à mudança da forma de se lidar com a terra que, por sua vez, está atrelada à modernização.

Outro aspecto coletivo bastante relevante é os elementos de religiosidade; estes são tanto oficiais (catolicismo), quanto populares – os últimos sempre mais evidentes. Em *Meus Verdes Anos* (1976b), a encenação da paixão de Cristo vai representar, para o menino, algo tão impressionante a ponto de ele não ter condições nem de correr, nem de falar. A figura da beata Carolina – assim como o quarto dos santos – representa a presença do catolicismo.

Por outro lado, aspectos populares da religiosidade surgem na narrativa, chegando a traçar comportamentos. É o exemplo da casa assustadora, sempre cercada de mistérios, sobre a qual se falava de mal assombrados, de gente que tinha morrido de peito, dentre tantas outras coisas; é o medo irresistível da chegada do cometa, sempre associada à ideia do apocalipse; é o receio em relação a Neco Paca, cuja fama de lobisomem circulava as redondezas; é a figura de Torquato, personagem cego cuja reputação de sábio chega a recordar a imagem de Tirésias, o velho adivinho da antiguidade.

A convivência entre os símbolos católicos e aqueles populares aparece também em *Menino de Engenho*; é o caso do lobisomem, que “bebia sangue dos animais e chupava os cavalos no pescoço” (REGO, 1980a, p. 36), além de lutar com gente viva, com os zumbis, que eram as almas dos animais insepultos a rondar o engenho. Carlos afirma que o catecismo seria responsável por destruir sua crença absoluta nas assombrações, porém, elas ainda continuavam vivas em sua formação de homem. Nota-se, aqui, o poder das crenças populares que, a despeito do combate da religião oficial, ainda sobrevivem.

É em *Usina* que a religiosidade – bem como a fusão entre religião oficial e popular – surge de forma mais evidente na figura de Feliciano. Considerado uma das pessoas mais antigas do local, Feliciano ganhara prestígio por conta do seu santuário;

as suas novenas atraíam pessoas de muito longe, tornando-se marco temporal; usava-se o tempo das novenas de Feliciano como referência para se discorrer sobre acontecimentos. O modo de vida do personagem, contudo, é afetado com a construção da usina. Isso mostra que o progresso estava disposto a se sobrepôr a tudo, inclusive a presenças mais tradicionais e, no caso em questão, populares. O surgimento da usina é determinante para a queda de Feliciano; arrastado para a caatinga, se torna uma figura triste, sem lugar, vivendo em um mundo que não lhe pertencia mais e dono apenas de lembranças antigas, “coisas velhas, de muito longe” (REGO, 1980b, p. 106).

O homem se torna pessoa reclusa, distante, sem razão para responder a qualquer pergunta que lhe fazem; a partir desses silêncios e mistérios surgem, ao seu redor, histórias populares: acredita-se que ele se transforma em lobisomem, que tem com o diabo no corpo: “o negro dançava com o diabo, dormia com o diabo, passava o dia inteiro conversando com almas penadas” (REGO, 1980b, p. 139); pensa-se, inclusive, que ele tinha trancado os santos, oprimindo-os.

Um dia ocorre um incêndio no qual Feliciano morre. A procura pelos santos é em vão, e surge a história de um milagre, segundo a qual os santos teriam se libertado de Feliciano e subido ao céu. Romeiros passam a frequentar o lugar, onde Deus teria vencido o demônio. “O povo descia na estação do Pilar para subir a caatinga e ver a cinza por onde descera a vontade de Deus. Ficavam de joelhos, rezando ladainhas em voz alta” (REGO, 1980b, p. 141).

O impacto desse movimento para a usina é evidente: a presença dos romeiros perturba o andamento da agricultura; o desfecho é o conflito entre os devotos e o povo da usina em progresso; conforme destaca o narrador: “em cima das cinzas de Feliciano correu sangue dos inocentes” (REGO, 1980b, p. 144). Portanto, a tensão entre o tradicional e o moderno marca esse contexto.

Outra lenda popular bastante presente nos romances de Lins do Rego é o lobisomem. Da mesma forma que se acredita na transformação em lobisomem de Feliciano, em *Fogo Morto*, a figura de José Amaro também é cercada de misticismo. Como tinha o hábito de caminhar a noite, o imaginário popular espalhou a lenda: “Zeca gostava de sair de noite, de passar horas esquecidas, andando a pé pelos esquisitos, pelos lugares desertos. E o povo inventava a história do lobisomem” (REGO, 1976a, p. 537). A tendência de José Amaro a cada vez mais se afastar do convívio social gera, conforme dito, medo e mistério, sempre construídos pelo imaginário popular.

A imagem popular do homem que se transforma em lobisomem aparece também em *Menino de Engenho*, na figura de José Cutia:

Na Mata do Rolo estava aparecendo lobisomem. Na cozinha era no que se falava, num vulto daninho que pegava gente para comer sangue (...) afirmavam que José Cotia estava encantado outra vez. José Cotia era um comprador de ovos da Paraíba, um pobre homem que não tinha uma gota de sangue na cara. Andava sempre de noite, talvez para melhor fazer as suas caminhadas, sem sol. Por isso

Todos esses elementos religiosos – tanto oficiais quanto populares – criam ambientes assustadores, rodeados por mistério. O quase desleixo pelo catolicismo presente em *Meus Verdes Anos* convive com os mal-assombrados, o medo do fim do mundo, as casas misteriosas, os homens-lobisomem; Neco Paca (de *Meus verdes anos*) irá ecoar em José Amaro (de *Fogo Morto*) e em José Cutia (de *Menino de Engenho*). Aos três é atribuída a maldição de se transformarem em monstros, mas, no caso de José Amaro, temos todo um entorno marcado pela resistência ao poder. No caso de Feliciano (de **Usina**) – igualmente demonizado –, encontramos o processo de desapropriação dos pobres pela modernização dos engenhos.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 39), não é suficiente reconstruirmos de pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obtermos uma lembrança; é necessário que essa reconstrução ocorra, ao mesmo tempo, conosco e com os demais. Trata-se de lembranças constituídas em uma “base comum”. O contexto em questão, o nordeste do Brasil do início do século 20, foi a base para que o escritor Lins do Rego pudesse edificar as suas memórias; junto dele, estava todo um agrupamento, tanto dos “donos do poder” – representado pela figura do avô –, quanto dos pobres que convivem com o narrador. O adulto escritor coloca essas memórias em *Meus Verdes Anos* – seu último livro; mas todos aqueles personagens – desde as escravas até os “homens-monstro” – aparecem nos contextos de outros romances. Percebe-se a história do homem que se transforma em lobisomem como uma constante em suas narrativas; os personagens cercados de mistério, ao mesmo tempo em que são revividos em *Meus Verdes Anos* em forma de memória, são ficcionalizados nas demais narrativas.

Tal aspecto pode também ser observado na figura das tias, presentes em *Meus Verdes anos* e *Menino de Engenho*. Numa relação de fato maniqueísta, as figuras da Tia Maria e de Sinhazinha aparecem em ambas as narrativas como o bem e o mal, o anjo e o demônio; a primeira, mulher bondosa, tida como anjo, assume o papel de segunda mãe. Sinhazinha, por sua vez, em ambas as obras, é pintada como uma pessoa ruim, uma espécie de bruxa dos contos, na ótica dos meninos. Em *Menino de Engenho*, a tia má chega amarrada num carro-de-boi; fora devolvida pelo marido: “Contava-se que um dia amanhecera num engenho de seu pai, amarrada num carro de boi, com uma carta do marido fazendo voltar ao sobro a sua filha” (REGO, 1980a, p. 11). Em *Meus Verdes Anos*, temos: “Contavam que o marido a mandara de volta ao pai, amarrada numa mesa de carro de boi” (REGO, 1976b, p. 1242).

No que se refere à tia bondosa, uma diferença relevante está no processo da perda da mesma pelo narrador, quando ela se casa. Em *Meus Verdes Anos*, o menino não sente, a princípio, que o casamento da tia a afastará dele; chega mesmo a gostar do noivo (Henrique), quando ele lhe oferece de presente um brinquedo: um trem que corria sobre trilhos: “Ganhara assim todo o meu coração. Quando o via na estrada,

corria para chamar Tia Maria, e os dias do noivado enchiam o corredor” (REGO, 1976b, p. 1217).

Em *Menino de Engenho*, por sua vez, a iminência do casamento da Tia deixa Carlos pensativo; desde o princípio, ele tem noção de que o casamento com o primo da Gameleira significaria a perda de sua “grande amiga”. Ficava com a “alma doente” e teria chorado muito, se não fosse a quantidade de convidados. O dia seguinte, após a partida dos recém-casados, é de um vazio enorme: “No outro dia, amanheceu chovendo, e o Santa Rosa a coisa mais triste do mundo. Tudo vazio para mim, tudo oco, sem os cuidados e as cavilações da Tia Maria” (REGO, 1980a, p. 80).

Em *Meus Verdes Anos*, o sentimento de perda da segunda mãe não ocorre exatamente por conta do casamento, mas sim devido a uma repreensão:

Aquela certeza me chegou como uma furada no coração. Estava a Tia Maria mostrando as comprar do Recife. Cheguei-me para perto e pus-me a mexer nuns objetos. Ouvi o grito de repreensão como nunca lhe saíra da boca. Um grito que me deu o domínio da realidade. Já não era mais nada para ela. Corri para a minha rede e me pus a chorar (REGO, 1976b, p. 1220).

Por essa razão, a narrativa do dia do casamento – tão dramática em *Menino de Engenho* – apresenta-se, em *Meus Verdes Anos*, com certo tom de conformismo. A Tia apenas se afasta com o marido num cabriolé com os olhos banhados de lágrimas, ergue a mão num gesto de despedida, e um grito maior se sobrepõe às campainhas do veículo: era a Tia Naninha, a nova mãe do menino José.

De acordo com Coenga (2011), novas memórias são retomadas a partir de situações significativas, o que representam um valor para o momento vivido. Tais momentos marcam uma época, conferindo à memória uma organização por etapas sucessivas, evidentemente reinventadas ao longo da rememoração. No caso em questão, temos o casamento da Tia Maria, certamente um evento significativo, posto que, dadas as suas variantes, aparecem em ambas as obras.

No que se refere aos amores da infância, cabe observar uma personagem relevante: a prima do narrador que, em ambos os textos, é descrita de maneiras muito distintas. Em *Menino de Engenho* se chama Maria Clara, menina viajada e mais velha que Carlos; era uma menina curiosa, que queria conhecer as coisas do campo; tinha cabelos em cachos, olhos grandes e redondos. Carlos mostrava-lhe tudo, os gameleiros, as cheias, as sombras dos cajueiros, e contava-lhe histórias a respeito de Antônio Silvino, sempre com exageros, no intuito de impressionar a prima viajada: “O cangaceiro se encantava em bicho. Uma tropa vinha atrás dele, e o que encontrava era um rebanho de carneiros”. Outras vezes, Antônio Silvino, num combate corpo a corpo, tinha matado uma onça; quando Maria Clara, muito séria e pegando na mão de Carlos, perguntou o que aconteceria se o cangaceiro os encontrasse ali, a resposta veio no mesmo instante: “ele casaria a gente” (REGO, 1980a, p. 70).

Notam-se aqui influências da velha Totônia, as soluções próprias do maravilhoso,

envolvendo a figura dos cangaceiros; no caso em questão, um recurso utilizado com uma intencionalidade. Juntos, Carlos e Maria Clara faziam piqueniques à sombra dos cajueiros, conversavam, e ela contava histórias dos lugares vistos, dos filmes e de seus heróis preferidos.

Carlos fica aturdido no dia em que beija a menina na boca; sonha com ela à noite e sofre no dia de sua despedida. Aos olhos do narrador, esse amor por Maria Clara é muito semelhante ao amor romântico: “Fizemos os idílios derradeiros, correndo os nossos recantos preferidos, como um casal de namorados de livro” (REGO, 1980a, p. 71). Ela, por sua vez, ri, feliz com a despedida. Alguém na cozinha diz a Carlos: “Ficou sem namorada, hein?” Era a primeira angústia de sua vida: “Tinha perdido a minha companheira dos cajueiros. E chorei ali entre os meus lençóis lágrimas que o amor faria ainda muito correr dos meus olhos” (REGO, 1980a, p. 72).

Se em *Menino de Engenho* o amor por Maria Clara é romântico, em *Meus Verdes Anos* temos um contato muito mais carnal. Dedé, o narrador, nem sequer se lembra do nome da prima, mas consumia-se em ciúmes ao vê-la nos afagos com os outros. O narrador se aproxima tanto dela a ponto de se esquecer dos demais companheiros.

O meu coração bateu de alvoroço, quase a pular de meu peito. Vi a periquita da prima e aquilo me arrastou para a libertinagem da casa dos carros [...] desabrochavam botões de flor ao calor de um sol misterioso [...] corri para a Tia Maria, e, como não a encontrasse, deitei-me na sua cama para ver se fugia de mim aquele medo que era ao mesmo tempo o alvorecer de todo o meu corpo [...] o calor que me queimava era de dentro, das entranhas, provocado por aquela visão da prima (REGO, 1976b, p. 1204).

A tristeza da partida da prima é narrada de forma mais objetiva; conta apenas que, para ele, não havia mais mundo. Um elemento que se mantém é a zombaria dos outros; as negras, ao vê-lo triste, dizem que ele está “viúvo”.

Romântico ou carnal, dramático ou desesperado, em ambas as narrativas o fato traz em comum a questão da perda seguida pela tristeza. Tanto a Maria Clara dos dias de piquenique, quanto a prima de nome desconhecido que deixa o narrador tão aturdido representam momentos significativos que, uma vez ocorridos na infância, moldam o indivíduo, posto que são as primeiras percepções. O amor romantizado de *Menino de Engenho* pode ser pensado como ficcionalização de uma memória do escritor; ficcionalização que recai sobre uma pessoa cujo nome ele não se lembra. Em *Menino de Engenho*, temos uma menina desenhada com as tintas da ficção, com um nome definido e ares de romantismo – o que traça uma identidade, moldando o indivíduo da fase adulta.

Outra figura bastante explorada nas narrativas é a dos cangaceiros, cujo personagem mais representativo é Antônio Silvino. Líder de um bando, Silvino inspira, ao mesmo tempo, medo e admiração; com pequenas variantes, a imagem dos cangaceiros e de Antônio Silvino é apresentada de forma quase idêntica em *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*; inclusive alguns eventos se repetem. Em *Menino*

de Engenho:

Antônio Silvino viera ao engenho em visita de cortesia. Um ano antes ele estivera na vila de Pilar noutra caráter. Fora ali para receber o pagamento de uma nota falsa que o Coronel Napoleão lhe passara. Sacudiu para a rua tudo que era da loja, e quando não teve mais nada a desperdiçar, jogou do sobrado abaixo uma barrica de dinheiro para o povo (REGO, 1980a, p. 14).

Em *Meus Verdes Anos*: “Antônio Silvino viera como amigo. Meses antes atacara a vila do Pilar para se vingar de Quinca Napoleão. Não encontrando o comerciante, arrasou o estabelecimento [...] tudo que era da casa de comércio foi dado ao povo” (REGO, 1976b, p. 1263).

Ambas as narrativas revelam a ambivalência da figura dos cangaceiros, amplamente explorada pela historiografia: por um lado (sobretudo aos olhos dos comerciantes), são bandidos e vingadores; por outro, na óptica dos menos favorecidos, são heróis, uma imagem muito próxima à de Robin Hood.

Se nessas narrativas a figura dos cangaceiros aparece apenas em um momento, em *Fogo Morto* ela permeia toda a história, determinando o comportamento dos personagens; José Amaro tinha Antônio Silvino na conta de herói: “O capitão Antônio Silvino voltava a tomar conta dos seus pensamentos (de José Amaro). Admirava a vida errante daquele homem, dando tiroteios, protegendo os pobres, tomando dos ricos. Este era o seu herói” (REGO, 1976a, p. 535). É em Antônio Silvino que José Amaro tranquiliza o seu orgulho anteriormente abalado:

Quando voltou para a cozinha o mestre retornou à vida que o alimentava, aos homens que precisavam dos seus serviços. Agora não estava consertando os arreios de um velho doido, não estava fazendo sela para um camumbembe qualquer. *Trabalhava para o grupo de Antônio Silvino*. Cortava solas para cabras que já sabiam morrer no rifle, para gente que tinha sangue de macho. *Não era mais um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial de bagaceira de engenho*. O capitão Antônio Silvino saberia de seu nome (REGO, 1976a, p. 541).

É a figura do cangaceiro que faz com que o ódio de José Amaro pelos poderosos da terra, pela política da região, seja, por um tempo, esquecido:

Agora não tinha mais raiva dos partidos do Santa Rosa. Ele trabalhava para um homem que era maior que o coronel José Paulino, que era dono de todos os partidos, senhor de todos os senhores de engenho. O que o capitão Antônio Silvino queria, fazia como era de seu gosto. (REGO, 1976a, p. 550).

Nota-se, em *Fogo Morto*, que a figura de Antônio Silvino e dos cangaceiros é rodeada por aspectos políticos; o narrador, de certa forma, usa desses personagens para tecer uma crítica aos poderosos da terra, no sentido de destacar a sua decadência. A terceira parte da narrativa ressalta a invasão dos cangaceiros ao engenho de Lula de Holanda; tal invasão é o coroamento da decadência do engenho, que, posteriormente,

nada mais seria do que fogo morto. Por sua vez, a mudança do contexto em *Usina*, a chegada da modernidade suprime a figura dos cangaceiros, de forma que não aparecem na história. Tal como em relação aos demais personagens, o entorno se altera, bem como a relevância dos mesmos para a narrativa.

Outro aspecto relevante presente nos romances são as práticas da escravidão; estas são mais evidenciadas em *Menino de Engenho*, a exemplo da passagem na qual o negro é torturado com instrumentos para o castigo de escravos. Além disso, a narrativa permite que percebamos o contexto pós-escravidão; Carlos aponta, por exemplo, vestígios do cativo, como a senzala: “restava ainda a senzala dos tempos do cativo [...] as negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a ‘rua’, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas”. Eram ex-escravas que trabalhavam de graça, “com a mesma alegria da escravidão”. Com a chegada ao Brasil, muitos escravos acabaram por abraçar a religião local, muitas vezes fundida com a tradição de suas origens, conforme se observa nos elementos católicos: “nós mexíamos pela senzala [...] onde elas guardavam os seus rosários, os seus ouros falsificados, os seus bentos milagrosos” (REGO, 1980, p. 41).

Em *Fogo Morto*, essa memória da escravidão aparece sobretudo na imagem de Vitorino, no seu ódio por negros, bem como na sua maneira de enfatizar sua cor “branca”. Vale lembrar que o contexto sugerido pelos romances é o do período pós-abolição, no qual a ideia da escravidão ainda era muito presente, apesar do fim da instituição em 1888. Tais narrativas permitem a compreensão desse momento histórico; José Lins do Rego, ao passo que ficcionaliza o contexto, traz muito de suas experiências individuais, posto que foi criado em um engenho.

Portanto, construções como a morte da mãe, os efeitos do Rio Paraíba, os elementos de religiosidade tanto oficiais quanto populares, os cangaceiros e a polifonia que os envolve, os amores dos narradores, bem como a presença de ecos da escravidão permitem que percebamos tanto aspectos da memória coletiva destacados por Halbwachs quanto construções edificadas pela memória, porém reconstruídas por um trabalho de ficção.

3 | A MEMÓRIA COMO ENGENHAGEM

Até o presente momento, dediquei-me a observar, nas narrativas de José Lins, a presença constante de personagens que se repetem, porém com um entorno diversificado. A presente seção visa a tratar, a partir da leitura das obras, da concepção de memória do autor, a forma como a mesma é significada, bem como a sua importância para construção da narrativa.

A introdução de *Meus verdes Anos* fornece uma pista. Ao mencionar que fez livro de memória com a matéria retida pela “engrenagem” dada a ele pela natureza, temos uma memória como algo sempre em movimento e que permite encaixes. Talvez nem

mesmo o próprio autor estivesse consciente ao escrever a palavra “engrenagem”, mas o girar de suas obras por meio da leitura permite sempre encaixes, tanto pelo retorno dos personagens, quanto pelas problemáticas apresentadas.

Muito mais do que peças inter-relacionadas, o que se nota na introdução de *Meus verdes Anos* é uma memória cujas intenções são a de se voltar para o presente, uma visão retrospectiva do escritor no intuito de melhor compreender a si mesmo. As memórias da infância são como semente que o autor espera que não apodreça na cova; que o “fato não tenha o pobre brilho do fogo-fátuo” (REGO, 1976b, p. 1163). Pretende-se, aqui, a construção de uma memória que seja duradoura; verdes anos que se foram, mas que ainda “se fixam no escritor que tanto se alimentou de suas substâncias”; tal memória, a partir da introdução, não se prende somente ao passado; trata-se de um olhar para o escritor do presente, formado pelas “substâncias” do passado, e dinamizadas pelo movimento dessas engrenagens.

A ideia presente no título de *Meus verdes Anos* sugere tempos nos quais o indivíduo ainda não se encontra pronto, uma época na qual nada se conhece, num mundo de grandes mistérios do qual se tem tudo a aprender. O pronome possessivo “meus” sinaliza uma narrativa em primeira pessoa.

O primeiro capítulo traz algo que ocorre, em geral, com todos: as memórias fragmentadas. O menino sai dos braços da mãe, engatinhando para que outra pessoa veja; logo em seguida, a frase: “ela está morrendo”. Tudo para nesse momento, penetrando em “névoas espessas”, para retornar em outro contexto, com o primo Gilberto. É como se a engrenagem, nos seus primeiros momentos de funcionamento, falhasse, para, logo em seguida, retornar, agora mais estável, e tudo se desenvolve de forma mais fluida.

O desenrolar da memória é sempre linear. O autor, numa visão que parte dos tempos mais remotos para os mais recentes, pretende lembrar aquilo que viveu, as pessoas que conheceu e que significaram a sua infância. José Lins do Rego, conforme aparece na introdução de sua última narrativa, não entende os seus “verdes anos” como uma época de alegrias. Numa contraposição a “Meus Oito anos”, de Casimiro de Abreu, temos uma prévia de uma infância marcada por “borboletas azuis” misturadas a complicações de saúde e com a ausência da mãe; o que deveria ser uma vida idílica torna-se “caminhos espinhentos”; a separação violenta da segunda mãe, a ausência do pai – sempre mal visto pelos parentes –, a presença constante da asma que se contrapunha a um temperamento aventureiro, tudo isso revela ausências (sobretudo dos pais e da saúde) que haveriam de marcar para sempre o indivíduo. A falta dos pais faria dele uma “criatura sem verdadeiro lastro doméstico”; a falta de saúde faria com que o neto de um homem rico tivesse inveja dos “moleques da bagaceira”, que podiam se divertir ao ar livre. Diferente do poeta romântico, que sente saudade da infância idílica e a canta em versos, o escritor paraibano propõe uma narração com quantidade reduzida de palavras, tudo para não disfarçar com enfeites retóricos uma realidade às vezes brutal.

É importante, aqui, refletir sobre a diferença entre lembrança e memória: enquanto que a primeira se relaciona aos fatos vividos, aquilo que se pode retomar via pensamento; a segunda trata de situações que fazem parte de uma história que necessariamente não vivemos. É o que ocorre no primeiro capítulo de *Meus verdes anos*; de tanto ouvir a história, ela se torna a primeira recordação da infância do autor. Nesse ponto, Lins do Rego usa a palavra “recordação”; caberia melhor o termo “memória”, nesse caso construída com ajuda dos outros. Retomamos, assim, a noção de memória coletiva de Halbwachs (2006); para ele, ainda que não nos demos conta, recorreremos sempre a testemunhos de terceiros; estamos sempre encerrados em sociedade.

Em vários momentos, o autor paraibano deixa transparecer essa dimensão social da memória, seja ao tratar do rio Paraíba, seja por referências a elementos de religiosidade, oficiais ou populares.

A questão do aprendizado na escola, a figura dos cangaceiros e os elementos de religiosidade popular, por sua repetição, permitem pensar no funcionamento dessa engrenagem, entre a memória e a ficção. É significativo para o autor paraibano a sua dificuldade de aprender a ler, posto que aparece em mais de uma narrativa; o que em *Meus verdes anos* é doloroso, em *Menino de Engenho* é mais ameno e tal amenização aponta para uma ficcionalização da memória. Ao construir o personagem Carlos, Lins do Rego diz algo de si, sem revelar, contudo, as dificuldades que existiram e que ainda persistem em sua lembrança; elas são substituídas por uma professora que o trata como filho ou por alguns privilégios que ele recebia por ser filho de um poderoso.

No que tange o aspecto social, a concepção de memória do autor – no caso do primeiro e do último romance – não apresenta uma crítica direta. As diferenças sociais, a meu ver, estão muito mais nas entrelinhas. É a descrição, em *Menino de Engenho*, de um menino que, na escola, possui pequenas regalias; é o fato de o mesmo menino, ao final do romance, ir para o colégio interno, o que não acontece com os demais, por serem pobres; são os passeios do avô que revelam toda a extensão do engenho e a presença dos menos favorecidos; é a presença dos cangaceiros tidos como heróis pelo povo. As descrições de tais aspectos aparecem à margem de memórias individuais, cujo objetivo, em *Meus verdes anos*, conforme já destacado, é tratar de compreender a formação do indivíduo. Por outro lado, essas memórias, já ficcionalizadas em *Fogo Morto e Usina*, tratam mais de perto da questão dos excluídos; sobretudo em “Usina” fica patente o impacto do desenvolvimento tecnológico sobre os menos favorecidos.

A leitura de suas obras, portanto, abre um universo de possibilidades, para se pensar não só aspectos individuais do escritor, mas também para se refletir a respeito da memória e do próprio contexto no qual o autor escreve. Engrenagens, memórias e histórias compõem essas narrativas diante das quais o leitor promove seus encaixes ao girar as engrenagens de sua própria leitura.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura das obras de José Lins do Rego, sobretudo *Menino de Engenho* – publicado pela primeira vez em 1932 – e *Meus verdes Anos* – de 1956 –, vemos o desenrolar de uma memória de infância construída pelo adulto escritor. A diferença entre ambos os livros – que se constituem, respectivamente, na estreia e conclusão do José Lins romancista – está no *status* dado pelo próprio escritor. *Menino de Engenho* é pensada como ficção, ao passo que *Meus verdes Anos* é livro de memórias. No entanto, ao lermos não só a primeira obra do romancista, mas também outras do chamado “ciclo da cana de açúcar”, percebemos uma constante repetição dos personagens, com suaves variações em seu entorno – conforme observado anteriormente. Tais personagens reaparecem em *Meus verdes Anos*, revelando-nos os fundamentos das construções do autor Paraibano.

Uma leitura nesse sentido recorda a fala de García Márquez, segundo a qual todo autor escreve uma única obra. A presença constante do cangaceiro ao longo dos romances, as mulheres na senzala vivendo uma vida “feliz” (ainda que com as práticas da escravidão) revelam fenômenos sociais; a construção praticamente maniqueísta da tia boa e da tia má, a ideia de um avô severo e, ao mesmo tempo, amado traz à tona relações familiares. A constância desses personagens sugere que os vários romances se constituem num só, cujas tramas vão desde conflitos individuais dos meninos em sua “aurora da vida” até questões sociais como a pobreza e a violência.

Conclui-se, portanto, que a memória, em José Lins do Rego, no caso de *Meus verdes anos*, visa à compreensão do presente; como os eventos da infância marcaram o homem escritor, já adulto. É construída linearmente e, no conjunto dos romances, funciona como “engrenagem”. Temos uma infância marcada por ausências, na qual transparece também aspectos coletivos da memória; essa mesma infância, em algumas situações, é reconstruída em *Menino de engenho*. Além disso, a memória em José Lins do Rego passa por um processo de ficcionalização (conforme os exemplos da religiosidade e do cangaço, bem como o trato com a natureza e as relações pessoais), através da qual são tratados, em *Usina e Fogo Morto*, questões de natureza social, como a pobreza e as transformações tecnológicas na primeira metade do século 20.

REFERÊNCIAS

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

COENGA, Rosemar Eurico. **Infância e Leitura na Memória de Escritores**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. Beatriz de Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

REGO, José Lins do. Fogo Morto. In: **José Lins do Rego: ficção completa**. Vol2. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A, 1976a.

_____. Menino de Engenho. In: **Romances Reunidos e Ilustrados: José Lins do Rego**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1980a.

_____. Meus Verdes Anos. In: **José Lins do Rego: ficção completa**. Vol2. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A, 1976b.

_____. Usina. In: **Romances Reunidos e Ilustrados: José Lins do Rego**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1980b.

SANTOS, Robson dos. **A Política da Violência: o Rural e a fronteiras do Capitalismo no Romance Terras sem Fim, de Jorge Amado**. Literatura e autoritarismo Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo – Dossiê, Maio de 2012 – ISSN 1679-849X<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie07/>

VASCONSELOS, Maria Celi Chaves; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; VICENTINA, Paula Perin. **Leitura e História**. Curitiba: CRV Ed, 2014.

WOOD, James. **Como funciona a Ficção**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-89-5

